

Inverno. Ressacas. O mar em fúria

Estamos com uma edição invernal, uma tremenda viagem no medo que limita, restringe e às vezes anula o surf. Paradoxalmente, é quem nos salva e nos mantém vivos no pico. O nosso tema é esse! Não teria nada mais oportuno, pois, fora d'água, o nosso querido mercado vive hoje tempos de ressaca e mar em fúria. Porém, para quem é surfista, isso só usina e revigora nosso amor ao esporte e à vida no surf para o surf. É como a ressaca, que devasta a praia, mas a deixa nova e limpa como quando Deus nos presenteou. Podemos falar a mesma coisa do medo em relação ao mercado: alguns crescem, outros desaparecem e a maioria sobrevive graças ao medo. Na verdade, o momento está com esta fotografia. Parafusando o grande filósofo Nietzsche: "O que não mata, fortalece!" O swell da Alma Surf já atingiu as costas de todo o mundo. É muito, muito feliz, vejo hoje todos os hippie surfers, zen surfers, e os "melhores" na sua área estão lendo, divulgando e querendo colaborar com a Alma. Jeff Divine, Aron Chang, Tim Baker, José Augusto, Marcello Arias e o mestre André Cotrim, que, para quem não conhece, foi o responsável pela exuberante fase do surf carioca, com o magnífico trabalho da Cristal Grafiti na década de 80. Sua criatividade, somada ao grande talento em artes gráficas, diferenciou em muito o trabalho da época. Vivendo há 12 anos em Kawaii, André é um havaiano de alma e brasileiro de coração que engrossa a equipe Alma Surf direto do Hawaii. E nesta edição apresentei os nossos leitores com uma espetacular matéria sobre Dick Brewer, pois, além de diagramar, escrever e até fotografar, tem a intimidade do criador e criatura (matéria) em cada letra, linha e ponto do artigo. Perfis, portfólios, últimas fronteiras, muita emoção, muito MEDOI, marcam esta nossa melhor edição, como sempre. Nossa busca é o melhor sempre. A paz, o amor e o surf

editorial



Capa: Marco Polo foto: Sean Davey

o que plantamos...

de um relacionamento padrão no nosso segmento. Perdoar, sim; esquecer, jamais, para não misturar o sacro com o profano. E não se esqueçam: sempre, sempre, inevitavelmente, colhemos como maneira de viver. Respeito, amizade, humildade como marcas

Aloha

Romeu

COSMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Marta Dias Carvalho
marie@almasurf.com.br

ALMA SURF

Publisher

Romeu Andreatta Filho

romeu@almasurf.com.br

Chefe de Redação

Alberto J. R. Woodward

alwoodward@almasurf.com.br

Projeto Gráfico

Fernando Mesquita

Editor de Arte

Guilherme Tremante

gui@almasurf.com.br

Estagiária

Viviane Palladino

Revisão

Francisco José M. Couto

Texto

Alexandre Andreatta, André Cotrim, Clemente Coelho Jr., Jean Lasmar, José Augusto de Aguiar, Marcello Arias, Piu Pereira, Taiu Bueno

Fotografia

André Cotrim, Bruno Lemos, Claudio Elisabethky, Clemente Coelho Jr., Fernando Cassini, Getty Images, Levy Paiva, Motaury Porto, Ocean Pacific, Dxbow, Patric McSheley, Pierre Toslee, Projectools, Sean Davey, Sylvain Cazenave, Tropical Brasil.

Publicidade

Carmen Lucia Mello Silva

carmen@almasurf.com.br

Departamento Financeiro

Marta Dias Carvalho

marie@almasurf.com.br

Distribuição

Dimap S.A. - Distribuidora Nacional de Publicações

Fotofixo

ArtSim

Papel

Dependoweb

Impressão

Grande ABC

Jornalista Responsável

Alberto J. R. Woodward

MTB 1822

A revista *Alma Surf* é uma publicação bimestral da Cosmos do Brasil

Produtora Editorial Ltda.

As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:

Rua Dr. Fonseca Brasil, 295

Morumbi - São Paulo - SP

CEP: 05716-060

Telefone: (11) 3744 3711

e-mail: almasurf@almasurf.com.br

Para assinar:

(11) 3744 1668

almasurf@almasurf.com.br

Tiragem desta edição 30.000 exemplares.

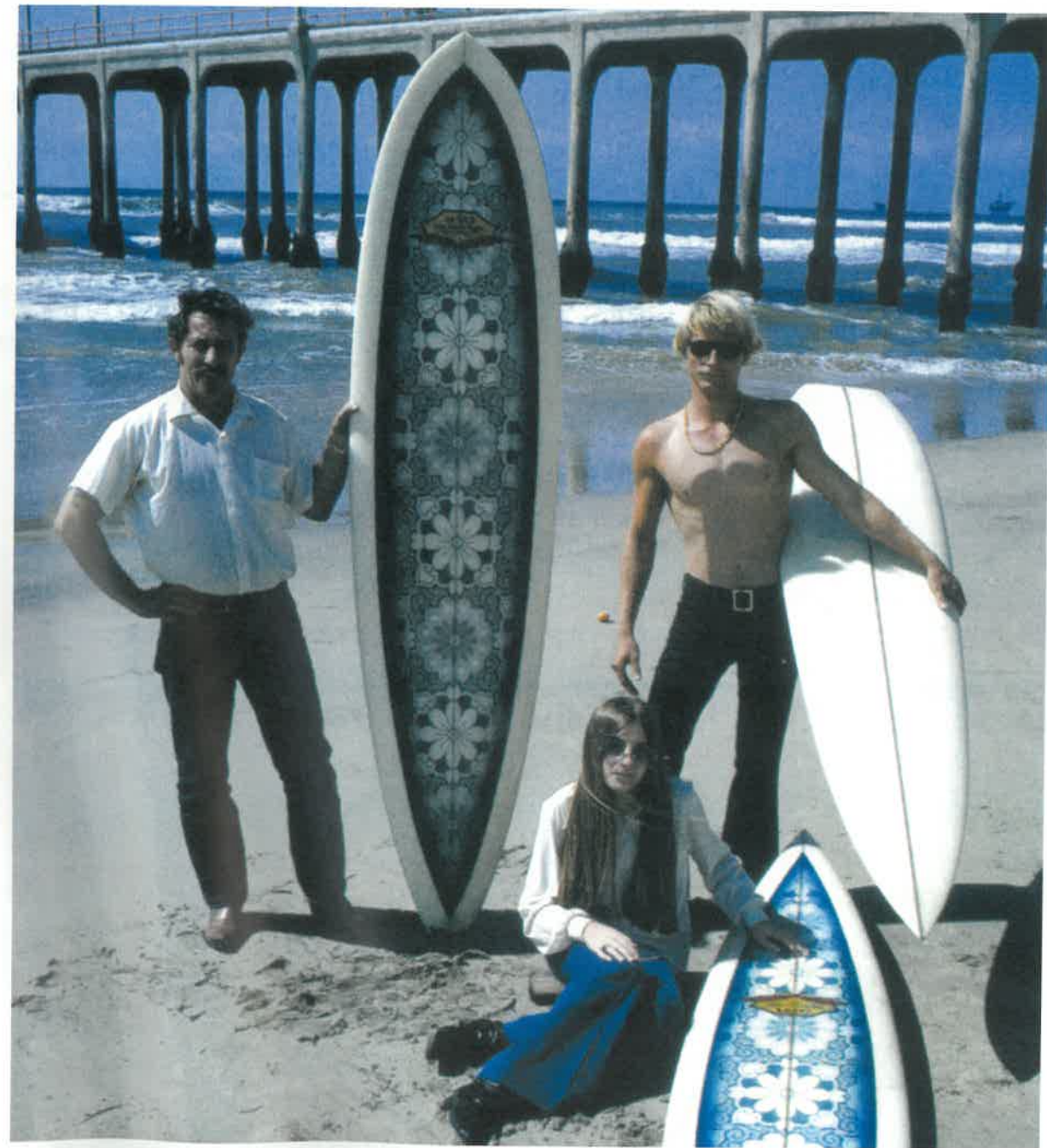
Profissionalismo

Capítulo IV



litoral de São Paulo, o Quebra-Mar de Santos. As ondas estavam boas e muito longas. Na água, divertiam-se amadores e profissionais, garotos e coroas, clássicos e radicais, shortboarders e longboarders. Entre uma onda e outra, eu me deleitava com o surf de meus amigos: Daniel Cortez voava baixo nos aeriais; Almir Salazar, no ápice de seus 43 anos de idade, assemelhava-se a um menino e desenhava linhas pra lá de modernas; Jefferson Bigode bailava classicamente em seu longboard... Algo nos unia e nos fortalecia... Essa magia inexplicável de pertencer a uma tribo... de ter uma identidade, e de extrair dela o néctar da felicidade cotidiana, independentemente de sermos ou não profissionais. Num dado momento, vejo o Romeu Andreatta descer uma boa onda com seu funboard... Ele surfa com um enorme sorriso no rosto e destila algumas manobras intensas... A onda vai chegando no inside e vai perdendo força... Romeu continua... A onda transforma-se numa mísera marolinha sem força... Romeu sorri... continua... Já não posso mais visualizar a onda... Romeu insiste... sorrindo... lutando...

extraindo o que ela pode lhe dar, e não o que ele desejava receber... A onda desaparece... As quilbas da prancha do Romeu tocam a areia dura da praia de Santos. Talvez Dora estivesse realmente equivocado quanto aos rumos do profissionalismo... Ele é somente mais uma face de nosso multifacetado esporte-religião. A onda do Romeu ecoou em minha mente por uma semana... Nos próximos swells que se apresentaram, tentei imitar alguns profissionais: os noseridings do Joel Tudor, as curvas de Tom Curren e os aeriais da garotada... Entretanto, não me esqueci da lição, reconciliei-me com o oceano ao dar-me a chance de surfar pelo simples prazer de surfar... A lição do Andreatta repercutiu forte em minha alma... em minha alma para sempre surf... Alma Surf.



DUÇÃO EDITORIAL
filho
n.br
o
rdward
rt.com.br
ca
ite
Couto
ca edição:
ta, André Cortim,
r., Jean Lasman, José
; Marcello Artes,
ueno
no Lemos, Claudio
te Coelho Jr.,
Geity Images, Levy
ro, Ocean Pacific,
eley, Pierre Tostee,
Javy, Sylvain
Brasil.
o Silva
n.br
ancelito
o
m.br
ndora Nacional de
res.
pítulo da revista
fas não refletem
da.
os do Brasil
é uma publicação
vard
ável
3711
asurf.com.br
m.br
30.000 exemplares.



A ESTRUTURAÇÃO DO PROFISSIONALISMO

Muito embora alguns surfistas expressassem sua oposição contra o profissionalismo no surf, essa parecia ser a única saída para esse esporte que tinha atingido o crescimento de uma forma meteórica e, até certo ponto, desorganizada. Alguns surfistas mais atentos perceberam tal carência e planejaram uma organização baseada nos esportes mais tradicionais, tais quais o tênis e o golfe. Fred Van Dike e Larry Lindberg, já em 1968, arquitetaram a criação da IPSA –

International Professional Surfers Association, que tinha como modelo a Associação de Jogadores de Golfe Profissionais. Almejava-se criar um verdadeiro circuito mundial, premiando os surfistas com dinheiro e dando credibilidade ao esporte. Infelizmente, a IPSA não durou muito tempo para assistir à concretização de tal ideal. O próximo grande passo seria dado somente em 1976, pelo ex-campeão mundial de surf Fred Hemmings. Hemmings, encarregou-se de fundar a IPS – *International Professional Surfers*, e esta entidade viu surgir o seu primeiro campeão mundial de



surf, depois de um verdadeiro circuito de provas mundo afora. O australiano Peter Townend terminou em primeiro, com seu compatriota Ian Cairns em segundo. Em novembro de 1982, o próprio Ian Cairns encabeçaria a ASP – *Association of Surfing Professional* – e substituiria Hemmings no cargo mais alto das organizações profissionais. Nessa época o surf atingira um patamar nunca antes imaginado pelos pioneiros do esporte. Em 1962, durante o *Bells Beach Classic*, na Austrália, foi oferecido o prêmio de 28 dólares pela melhor onda surfada. Posteriormente, Terry Jones viria a ganhar 2.000 dólares no segundo torneio de noseriding organizado por Tom Morey. Também foi de 2.000 dólares o prêmio conquistado por Nat Young, em sua vitória no *Makaha Smirnoff* em 1970. Michael Peterson arrebatou 3.000 dólares no *Coke Surfabout* de 1974. E finalmente Kelly Slater embolsou 20.000 dólares por sua conquista no *Pipeline Masters* de 1996. A análise do surf profissional é, como tudo nessa vida, multifacetada e ambígua. Se você crê que o



profissionalismo é negro, e que a sua chegada foi o golpe final no surf, como profetizava Miki Dora, é bem provável que ele assim se apresente para você. Se você acredita que ele foi benéfico para o esporte, mesmo em detrimento da perda da pureza e do romantismo... você também estará certo. As verdades são e sempre serão relativas, nunca absolutas. Seu cérebro é o sítio de sua mente. É nele que se formam as suas verdades e o seu universo. Particularmente, acredito na existência de dois universos paralelos: o romântico, introspectivo, amador, livre e espiritual, e o direcionado, atado a rígidos padrões preestabelecidos e voltado à magia do show business. Creio que um caminho não exclui o outro! Há bem pouco tempo atrás, eu estava surfando num famoso pico do



uma visível divisão entre os surfistas. No futuro, haveria os profissionais das ondas pequenas e os profissionais das ondas gigantes... Poucos foram os que atuaram bem nos dois palcos. Dick Brewer também ficou conhecido por ser um franco defensor da utilização das drogas de expansão do espírito e da consciência. Nessa época, as experimentações

com os mais diversos tipos de drogas estava em voga. "Sexo, drogas e rock'n'roll" era a tônica da juventude mundial. "Sexo, drogas, rock'n'roll e surf" era o lema de muitos surfistas também. As músicas do Led Zeppelin, de John Mayall e de



Jimi Hendrix foram escolhidas para a trilha sonora desse período de intensas experimentações. Hendrix até era amigo de vários surfistas, que por muitas vezes lhe serviram de inspiração, tais como: Mike Hynson, Cris Green, Leslie Potts e David Nuubiwa. Porém, apesar do colorido e dos sinceros ideais pacifistas dessa época, algum preço teve de

ser pago. Hendrix viria a morrer em 1970. 1970 também foi o ano do primeiro campeonato mundial de surf da década, e este não poderia ter sido mais conturbado... talvez, reflexo da "demasiada expansão da consciência".

Campeonato Mundial de Surf 1970 (Austrália)

Neste período, os havaianos estavam focados no surf de ondas grandes e nas experiências com as pranchas de Brewer. Para eles era demais ter que viajar 6.000 milhas até a

Austrália para se digladiar em ondas pequenas. Isso fez com que muitos nomes de peso não comparecessem ao evento. Porém, nem todos se mantiveram afastados da disputa do título de 1970, o mais bizarro de todos até então. A semana do campeonato foi repleta de acontecimentos desagradáveis: rugas entre os participantes,

politiquices, confusões, mau comportamento, entre outras desavenças, opunham-se francamente aos ideais pacifistas desse período. A falta de ondas do evento serviu para esquentar ainda mais os ânimos. Corcky Carroll agrediu verbalmente a esposa do gerente do hotel onde se hospedavam os surfistas

participantes. David Nuubiwa voltou para a Califórnia depois de perder sua bateria, e quando já se encontrava no avião, os organizadores do evento resolveram dar uma nova chance a todos os eliminados... Enfim, o campeonato foi um



verdadeiro fracasso. De qualquer forma, algo mágico aconteceu no final do evento, quando o presidente da então Federação Internacional de Surf (ISF), Eduardo Arena, concordou em mudar as semifinais e finais para uma praia afastada, de nome Jobanna. Foi lá, com a presença de boas

ondas de 6 pés de altura, poucas pessoas na praia e algumas vaquinhas jersey a pastar, que Rolf Aurness, da Califórnia, abateu seus adversários de forma incontestável. Aurness recebeu seu troféu em uma cerimônia simples, emitiu poucas palavras e depois disso sumiu para

sempre do cenário competitivo. O campeonato de 1970 prenunciava um período confuso, repleto de problemas com drogas, polícia, mortes, localismo selvagem no Havaí e a voraz busca de uma nova identidade singular para o

esporte. O enorme salto evolutivo do surf foi demasiado intenso, tanto para o esporte quanto para alguns surfistas. O desequilíbrio produzido gerou muitas quedas, e a procura de um novo paradigma, mais centrado e planejado, seria a tônica dos próximos anos.

DUÇÃO EDITORIAL
alho
n.br
a Filho
m.br
do
Edward
urf.com.br
itea
nte
r
A Couto
sa edição:
atta, André Cotrim,
ar, Jean Lasmán, José
Bueno
rno Lemos, Claudio
ente Coelho Jr.,
i, Getty Images, Levy
rto, Ocean Pacific,
n Davy, Sylvain
al Brasil.
ello Silva
om.br
nancelro
alho
com.br
ruidora Nacional de
nsável
Edward
urf é uma publicação
rninos do Brasil
al Ltda.
licas não refletem
a opinião da revista
autores.
Brasil, 295
aulo - SP
)
744 3711
almasurf.com.br
f.com.br
68
pão 30.000 exemplares.

ondas e exercer um surf de fortes e longas curvas. Isso realmente impressionou os juizes do evento, não acostumados a julgar dois estilos de surf diferentes. Fred Hemmings foi o último campeão mundial ao velho estilo. Os demais que se seguiram tiveram que obrigatoriamente adaptar-se



Duke Kahanamoku

Colocação final do Mundial de 1968

- 1° Fred Hemmings (EUA, Havaí)
- 2° Mudget Farrely (Austrália)
- 3° Russell Hudges (Austrália)
- 4° Nat Young (Austrália)

- 5° Mike Doyle (EUA, Califórnia)
- 6° Reno Abellira (EUA, Havaí)

Década de 70, transição para o misticismo

A era pós-revolução minimodel coincidiu com a era Vietnã e pós-Vietnã. Pela primeira vez o surf absorvia um movimento cultural mundial, o peace and love (paz e amor), e o reinterpretava conferindo-lhe um caráter híbrido, que misturava a pluralidade comportamental da juventude



contemporânea com a singularidade característica dos movimentos que ocorreram no seio de nosso esporte. As grandes imagens psicodélicas apossaram-se do surf... Os cabelos foram ficando compridos à medida que as pranchas foram diminuindo de

tamanho. Timothy Leary, o terapeuta que utilizava LSD em suas análises da consciência, era lido e idolatrado por alguns. O ioga e o budismo começaram a fazer parte do vocabulário dos surfistas, e os ideais orientais foram



Dick Brewer

comparados aos ideais do surf. Tudo isso podia ser observado nos anúncios contidos nas revistas de surf: "Há uma divindade que partilha nossos fins, embora possamos esboçá-los" – Rick Surfboards. "Karma – o modo de vida de cada um é animado do

interior" – Bing Surfboards. Todo esse movimento também se refletiu no recém-estabelecido profissionalismo. Particularmente no Havaí, Dick Brewer dava continuidade ao movimento iniciado na Austrália. Brewer era um engenheiro da

aeronáutica que optou por virar a sua vida ao avesso, tornando-se o guru dos surfistas havaianos. Reinterpretou a revolução das minimodels, adaptando-as às poderosas ondas havaianas. Para tanto, desenvolveu modelos baseados nas pranchas de Bob McTavish, e criou as guns havaianas.

Essas eram pranchas específicas para o surf gigante, e proporcionaram o aparecimento de uma nova abordagem nesse segmento. O nível do surf nas ondas havaianas foi elevado a um novo patamar, e com isso novos nomes começaram a surgir, indicando

ODUÇÃO EDITORIAL
 Filho
 m.br
 ra Filho
 m.br
 do
 podward
 urf.com.br
 ita
 nte
 l. Couto
 ita edição:
 ita, André Cotrim,
 r, Jean Lerman, José
 r, Marcello Añas,
 Jueno
 uno Lemos, Claudio
 rite Coelho Jr.,
 Gety Images, Levy
 rto, Ocean Pacific,
 Feeley, Pierre Tostebe,
 Davey, Sylvain
 Brasil.
 lo Silva
 n.br
 ranceiro
 to
 m.br
 nidora Nacional de
 ward
 avel
 e uma publicação
 nos do Brasil
 tda.
 das não refletem
 opinião da revista
 pres.
 nsil, 295
 - SP
 3711
 asurf.com.br
 m.br
 30.000 exemplares.

Campeonato Mundial de Surf 1966 (Califórnia – EUA)

O Campeonato Mundial de Surf de 1966 foi sem sombra de dúvida o mais intenso da década de 60. Vários motivos tornaram esse evento muito especial. O primeiro deles foi o fato de Nat Young aparecer na praia com um modelo de prancha que diferia dos demais. A prancha de Young tinha uma quilha mais estreita, o que possibilitava manobras mais radicais para os padrões da época. Essa quilha já era fruto de algumas experimentações produzidas por Greenough, e adaptadas aos toscos longboards. O segundo fato foi a própria vitória esmagadora e incontestável de Young. O australiano venceu sem piedade os maiores nomes da época. David Nuuhiwa, o pupilo de Deus nos bang tens, Corcky Carroll, um dos mais competitivos e inovadores surfistas americanos, Jock Sutherland, Mike Hynson, entre outros, foram abatidos por um surf de linhas inovadoras, nunca antes visto. Os australianos já eram donos de uma nova visão do porvir, inspirada



em George Greenough e Bob McTavish. A era revolucionária mostrava sua face pela primeira vez... e as pranchas ainda eram os toscos e lentos longboards... muito mais ainda estava por acontecer. Ao retornar à Austrália, Nat Young teve pouco tempo para desfrutar de sua recém-conquistada glória. Greenough, McTavish e Lynch já tinham produzido inúmeras modificações no design das pranchas de surf, e, como vimos, Young tratou de inteirar-se dos fatos e manter-se no topo do movimento... Os próximos anos seriam guiados por esses rapazes... A lei estava escrita, e "pequeno" era a palavra de ordem.



Campeonato Mundial de Surf 1968 (Porto Rico)

1968 foi o ano em que o surf experimentou as maiores mudanças conceituais e estéticas de toda a sua história. Todos os membros do esporte rejeitaram os longboards, e isso gerou um sério problema para alguns fabricantes, pois eles tiveram que dar um fim em seus estoques de dinossauros ultrapassados. As pranchas agora não mais mediam 9 ou 10 pés, atingiam sim 8 pés e 6 polegadas em média, sendo que alguns surfistas mais atrevidos já experimentavam pranchas de 7 pés de comprimento. Foi durante esse conturbado período de redefinição de rumos que o último Campeonato Mundial de Surf da década de 60 aconteceu. O local escolhido foi Porto Rico, e a final foi realizada em Rincon Point, com ondas de 6 pés. Como o período era de intensa transição, era normal que os surfistas participantes



Fred Hemmings

do evento diferissem bastante em termos de abordagens surfísticas, estilos e tendências. Alguns deles já estavam totalmente envolvidos com o novo movimento e já tinham digerido com relativa facilidade os traumas gerados por tão incisiva mudança. Esse era o caso de Nat Young e Midget Farrelly. Porém, alguns surfistas ainda relutavam em assumir totalmente tal digressão. Os havaianos pertenciam a essa classe. Talvez pelo fato de as ondas havaianas ainda exigirem pranchas maiores e mais pesadas. Fred Hemmings era um dos que ainda utilizava pranchas relativamente maiores para os novos padrões de modernidade, e, por incrível que possa parecer, foi ele que se sagrou campeão desse evento! Segundo o próprio Hemmings, na final do evento ele utilizou uma estratégia de competição: as ondas estavam quebrando muito longe, o que dificultava a sua visualização. Hemmings utilizou a facilidade de remada de sua prancha para apanhar as maiores

DUÇÃO EDITORIAL
filho
n.br
a Filho
m.br
io
odward
rt.com.br
ita
nre
r
l. Couto
ita edição:
ica, André Cortim,
Dr. Jean Lasmán, José
Gueno
uno Lenos, Claudio
ante Coelho Jr.,
Getty Images, Levy
rto, Ocean Pacific,
Feeley, Pierre Tossee,
i Brasil,
llo Silva
m.br
nancieiro
om.br
uidora Nacional de
r e uma publicação
mos do Brasil
Ltda.
adas não refletem
o opinião da revista
cores.
Brasil, 295
ulo - SP
14 3711
com.br
8
30.000 exemplares.



Mark Richards

Surfava de peito ou de Joelhos. Utilizava colchões de ar e pequeninas pranchas, que vieram a ser conhecidas posteriormente como kneeboards. A dificuldade para remar era intensa. Porém, uma vez na onda, sua performance era transcendental para os padrões da época. Seus tubos levavam os espectadores às mais insanas viagens psicodélicas... Greenough mostrou um novo caminho, implodiu sem piedade a base que sustentou o surf por milênios e influenciou tudo e todos: a já estabelecida

indústria, o nascente profissionalismo e os limites do que se pensava ser possível. "Eu matei o longboard", dizia Greenough. "Não gosto dessas coisas toscas e pesadas! Gosto de velocidade". As idéias de Greenough não passaram despercebidas do grande shaper Bob McTavish, e este logo iniciou fantásticos experimentos com os longboards, diminuindo-os e recriando-os como um mago do surf. Seus principais pilotos de teste foram dois dos maiores surfistas que já passaram pela terra:

Nat Young, o clássico australiano que viria a sagrar-se campeão do mundo no ano de 1966, e um jovem goofy-footer (pé esquerdo na frente), que redefiniu sozinho o conceito do impossível: Wayne Lynch. Lynch é um daqueles surfistas que nunca

ganharam nenhum título importante, nunca foram grandes competidores, mas... marcaram época através da auto-expressão de um talento incisivo, cortante, futurista e selvagem...

Lynch e alguns outros poucos surfistas, tais como Larry Bertleman e Jimmy Banks, foram mitos gerados no dia-a-dia, na praia, nos olhos de incrédulas testemunhas que se deleitavam com o simples prazer de observá-los. Esse intenso período de experimentações e redirecionamentos foi francamente documentado por um jovem produtor associado à 20th Century Fox, cujo nome era Eric Blum. Blum captou em

película uma viagem feita por Greenough, McTavish e Young pelos confins da Austrália. O filme, um verdadeiro marco histórico, foi chamado de *The Fantastic Plastic Machine*, em alusão aos novos modelos de pranchas utilizados



Nat Young

por McTavish, e os estranhos brinquedos conduzidos pelo alien Greenough. Ainda me recordo do dia em que assisti a esse filme pela primeira vez...

Eu era uma criança, não conhecia nada de surfe tampouco de sua rica história. Mas recordo-me do quanto fiquei impressionado com os tubos absurdamente longos de Greenough e com a extrema velocidade atingida por Young... *The Fantastic Plastic Machine* é mais uma daquelas pérolas cinematográficas que devem compor a videoteca de todo cara amarrado em surf!

30 000 exemplares.
surf.com.br
38
com.br
44 3711
Brasil, 295
ulo - SP
utores.
a opinião da revista
cadas não refletem
l Ltda.
mos do Brasil
r é uma publicação
dward
nsavel
Fundadora Nacional de
com.br
lho
nascimento
m.br
lho Silva
Brasil.
I Davy, Sylvain
Fealey, Pierre Tostee,
orto, Ocean Pacific,
Gerty Images, Levy
ante Coelho Jr.,
uno Lemos, Claudio
Sueno
r, Jean Lesman, José
rta, André Cortim,
ica edição:
l Couto
nte
ta
r.com.br
dward
r.br
lho
DUÇÃO EDITORIAL

OS PRIMEIROS MUNDIAIS

A década de 60 também foi marcada pelo aparecimento dos primeiros campeonatos mundiais de surf. Embora tais eventos ainda utilizassem modelos amadores, sem premiações em dinheiro, essas competições serviram para colocar em evidência alguns astros do surf, e com isso ajudaram a consolidar o profissionalismo através das vias já citadas anteriormente: venda de imagens, de assinaturas, etc. Quatro eventos mundiais foram realizados durante os anos 60. O primeiro deles em 1964, na Austrália, seguido dos Campeonatos Mundiais de 1965 no Peru, 1966 nos EUA (Califórnia) e, por último, 1968 em Porto Rico.

Campeonato Mundial de Surf

1964 (Austrália)

Bob Evans foi o responsável pela organização do Primeiro Campeonato Mundial de Surf, e o lugar escolhido foi a costa australiana, mais especificamente

Manly, perto de Sydney. O campeonato contou com a participação de surfistas de diversos países, como Austrália, Peru, Grã-Bretanha e EUA (inclusive do estado do Havaí). O vencedor do evento foi um jovem que já vinha se destacando no cenário australiano, Midget Farrelly. Farrelly tornou-se o primeiro campeão mundial de surf, muito embora algumas pessoas contestem sua vitória, e creditem tal feito a Joey Cabell, do Havaí. Cabell era dono de um estilo altamente equilibrado e com propensão para um surf muito veloz. Graças a esse fato ganhou o apelido de "A Gazela". Controvérsias à parte, o talento de Farrelly e Cabell era e continua sendo inegável, e seus nomes foram gravados para sempre no livro do surf.

Campeonato Mundial de Surf

1965 (Peru)

O Segundo Campeonato Mundial de Surf foi realizado no Peru. Novamente, os melhores surfistas do planeta se encontravam para medir forças.

(11) 3826.4288



Porém, o palco escolhido para o confronto era um país distante e desconhecido para os havaianos, americanos e australianos.

Desconhecida também era a praia que sediou o evento:

Punta Rocas. Com suas potentes ondas, Punta Rocas tinha sido recentemente descoberta, e serviu de cenário para a vitória de uma prata da casa: o peruano

Felipe Pomar arrebatou o segundo título mundial, deixando para trás nomes que já gozavam de prestígio no mundo do surf, tais como Nat Young, da Austrália (segundo lugar), Paul Strauch, dos EUA (Havaí, terceiro lugar), Mickey Muñoz, dos EUA (Califórnia, quarto lugar), Fred Hemmings, dos EUA (Havaí, quinto lugar), Mike Doyle, dos EUA (Califórnia, sexto lugar), George Downing, dos EUA (Havaí, sétimo lugar) e Ken Adler, da Austrália (oitavo lugar).



Punta Rocas

A REVOLUÇÃO DAS MINIMODELS

Durante o período de realização dos primeiros campeonatos mundiais de surf, ou seja, durante a década de 60, um acontecimento viria a mudar o cenário do esporte de forma radical. O aparecimento das pranchas pequenas é sem sombra de dúvidas uma das cenas mais eletrizantes da história do surf. É incrível, mas por mais de 4.000 anos os surfistas divertiram-se com pranchas grandes e pesadas, excetuando-se deste contexto as primitivas paíços polinésias. Entretanto, no período compreendido entre 1966-1967, um jovem australiano, revolucionário, visionário e futurista, rompeu os sagrados pilares do surf, produzindo a maior mudança de paradigma já presenciada em nosso esporte. George Greenough apareceu para o mundo como uma forma de alienígena do surf.



com mais graciosidade do que um jovem havaiano, magrinho, tranqüilo e genial, de nome David Nuuhiwa. O noseriding era Deus, e Nuuhiwa visitava Deus constantemente, às vezes por longos 10 ou até 20 segundos! David Nuuhiwa não inventou essa manobra, mas fez dela a maior de todas as formas de arte realizadas sobre uma prancha de surf. Para os céticos a respeito dos feitos de Nuuhiwa, sugiro que assistam ao filme *The Golden Breed*, de Dale Davis. Acredito que esse seja um dos mais completos filmes da década de 60, pois retrata com fidedignidade todos os momentos dessa intensa década. Em uma parte do filme podemos nos deleitar com os impressionantes hang tens de Nuuhiwa. Fica patente a influência

que David Nuuhiwa exerceu sobre Joel Tudor, um dos melhores se não o melhor longboarder de todos os tempos. Suas formas de auto-expressão são simplesmente idênticas e de uma beleza singela e poética... Sem sombra de dúvida, *The Golden Breed* é uma boa opção para aquelas bucólicas tardes de domingo sem ondas...

MÍDIA ESPECIALIZADA

Outro fato de extrema relevância ajudou a alavancar o incipiente profissionalismo: as revistas de surf. Em 1959, John Severson datilografava sua primeira cópia da revista *Surfer*. No início, a revista era trimestral, intitulada *The Surfer Quarterly*, mais tarde passou a se chamar *Surfer Bi-Monthly* e finalmente *Surfer*. Em 1963, surge no mercado uma fraca concorrente da *Surfer*, a *International Surfing*. Em meados dos anos 70, já estabelecida no mercado, muda o nome para *Surfing*. Com o advento da mídia especializada, o esporte tinha condições de documentar sua história,

proporcionando assim uma eficiente forma de divulgação às empresas do ramo. Inúmeras foram as empresas que utilizaram as páginas da *Surfer*, e posteriormente da *Surfing*, para vender seus produtos, associando-os aos nomes de famosos surfistas da época. A Jantzen foi a primeira grande visionária, quando em 1963 comprou a contracapa da revista *Surfer*. O seu primeiro modelo foi o incrível surfista de ondas grandes Pat Curren, nada mais nada menos do que o pai de Tom Curren. Posteriormente, a Jantzen contrataria outros surfistas em troca do uso da imagem. Ricky Grigg chegou a receber 2.000 dólares por ano, e Corcky Carrol, 1.500 dólares. Uma bonita propaganda da empresa Hang Ten mostrava toda a sua equipe enfileirada, juntamente com alguns troféus conquistados por seus membros, entre eles nomes de peso, tais como: Harold Iggy, Butch Van Artdalen, Joey Cabell, Mickey Muñoz e Donald Takayama. Filmes de surf e revistas especializadas alavancaram a indústria, criaram os primeiros profissionais do esporte e enriqueceram fabricantes



de pranchas e esportistas talentosos. A mídia do surf produziu a explosão do esporte nos EUA, introduzindo-o na costa leste do país. Lá, Hobie Alter vendeu milhares de pranchas de surf, usando para tanto o talento de alguns surfistas floridianos, tais como Mike Tabeling, Claude Codgen e Gary Popper. Este último fez tanto dinheiro com suas pranchas de assinatura, que se tornou o surfista mais bem-sucedido, em termos financeiros, da década de 60.



30.000 exemplares.
 urf.com.br
 8
 .com.br
 masurf.com.br
 14 3711
 ulo - SP
 Brasil, 295
 ufores.
 adas não refitem
 a opinião da revista
 Ltda.
 rtes do Brasil
 rt é uma publicação
 ward
 tsavel
 Editora Nacional de
 om.br
 ho
 tancelo
 ml.br
 lo Silva
 Brasil,
 Davy, Sylvain
 Feeley, Pierre
 rto, Ocean Pacific,
 Getty Images, Levy
 rto Coelho Jr.,
 rno Lemos, Claudio
 lieno
 r, Marcello Artes,
 Jr., Jean Lestman, José
 tea, André Corrim,
 ta edição:
 Couco
 te
 ra
 t.com.br
 rdward
 r.br
 Filho
 .br
 lho
 UÇÃO EDITORIAL

surf. Para tanto, ironizava como poucos o crescimento desmedido do esporte. Dora sentia-se "dono" de Malibu, satirizava as competições de surf, chegando inclusive a ficar pelado em uma onda surfada durante um torneio na Califórnia, o Malibu Invitational Surf Classic, em 1967. Teve alguns problemas com a polícia, o que o obrigou a deixar os EUA por alguns anos. "Esses negociantes de carne da Wall Street desejam unificar o surf apenas para lhe extrair a riqueza. Nesse regime 'profissional', o surfista será forçado a ficar totalmente subserviente aos poucos que estão em posição de controle. Mickey Dora Surfer, setembro

de 1969." Para muitos, Miki Dora foi um herói, símbolo da resistência de um ideal purista; para outros tantos, um vilão, aproveitador e mau-caráter. O fato é que a imagem de Dora foi e



Miki Dora

continua sendo mítica, e nos anos 60 Greg Noll se utilizou dela para produzir as pranchas Da Cat,

assinadas por Miki Dora. Talvez, mesmo sem saber, Dora tenha colaborado para o crescimento daquilo a que se opôs durante toda a sua vida: a indústria e o conseqüente profissionalismo do surf.

PREMIAÇÕES EM DINHEIRO

Se por um lado existiram alguns puristas como Dora, a grande maioria dos surfistas se posicionava no outro extremo, ou seja, francamente a favor do crescimento do esporte. Bill Hamilton, pai do grande surfista Laird Hamilton, afirmou também para a revista Surfer, em 1971:

"Parece que o surf está crescendo em direção a um maior nível de reconhecimento pelas pessoas não tão ligadas ao mundo do surf em si, mas ao dos negócios, onde a publicidade é um dos fatores-

chave para o êxito. Sinceramente, não me importava de levar para casa 7.000 dólares por acabar em

oitavo lugar num torneio de surf, comercialmente organizado e patrocinado. Ainda é muito melhor do que abrir valas ou conduzir um caminhão de mel". Com o crescimento da competição entre os fabricantes de pranchas, era natural que os

torneios de surf optassem por caminhos mais atrativos.

Embora as competições do antigo Havaí já reconhecessem os seus campeões presenteando-os com galinhas, porcos, mulheres, etc., os surfistas do início do século XX tiveram que contentar-se somente com troféus. O primeiro torneio de surf que

ofereceu uma boa quantidade de dinheiro como prêmio ao vencedor foi o Tom Morey Invitational, realizado em Ventura, na Califórnia, em 4 de julho de 1965. As regras eram extremamente simples: 25 surfistas lutavam pelos 1.500 dólares de premiação, e venceria aquele que ficasse mais

tempo de pé nos 25 por cento da frente da prancha, ou seja, aquele que realizasse o mais longo noseriding. Mickey Muñoz venceu a competição devido a um erro de um dos juízes. O verdadeiro vencedor foi Mike Hynson, de San Diego. O concurso

de Morey estimulou ainda mais a procura da perfeição na execução dessas manobras no bico ou no nose das pranchas. Inúmeros modelos de pranchas surgiram durante esse período, e a maioria delas prometia aos surfistas um tempo maior de permanência nos hang fives (cinco dedos para fora do

bico da prancha) ou nos maravilhosos e difíceis hang tens (10 dedos pendurados na ponta do abismo!). Agüentar-se o maior tempo possível nos hangs era prova de suprema habilidade. Mas não bastava estar no bico, era necessário fazer com que as coisas parecessem simples e fáceis, e ninguém fazia isso



(11) 3826.4288



30.000 exemplares.
 .com.br
 4 3711
 masurf.com.br
 com.br
 ilo - SP
 rasil, 295
 tores.
 opinio da revista
 ades não refletem
 Ltda.
 mos do Brasil
 é uma publicação
 fward
 sável
 uldora Nacional de
 m.br
 to
 Janeiro
 n.br
 o Silva
 Brasil,
 Davy, Sylvain
 eley, Pierre Toste,
 rto, Ocean Pacific,
 Getty Images, Levy
 ne Coelho Jr.,
 no Lemos, Claudio
 ueno
 : Jean Lasman, José
 ta, André Cortim,
 ta edição:
 Couto
 te
 a:
 t.com.br
 dward
 r.br
 Filho
 .br
 IHO
 JUCAO EDITORIAL

(11) 3826.4288



perpétua dependência dos desígnios dos deuses do surf, pois são eles que decidem quando as ondas vão chegar... Quando estão de bom humor, nos enviam ondulações nos finais de semana, quando querem nos castigar, o mar do ano chega na segundona. Se você é da escola de Lopez... no problem... go surf now! Caso contrário, lhe sobram duas opções: ou você é um surfista profissional ou terá que suportar calado a infame tortura!

O PROCESSO SE DEU NATURALMENTE

Surfista profissional... Este é mais um capítulo da história de nosso esporte, e, como todos os demais, aconteceu de forma natural e progressiva. No momento em que a indústria do surf se consolidava, a competição entre os fabricantes de pranchas passou a ser uma realidade. Naturalmente, os shapers passaram a contratar aqueles surfistas que mais se destacavam em termos de habilidade técnica. No início, tais surfistas eram pagos simplesmente por ceder seu nome para modelos específicos de pranchas



de surf. Esse foi o caso de Phil Edwards, talvez o primeiro surfista profissional da história. Por volta de 1963, Hobie Alter introduziu a primeira prancha de assinatura. Nessa época, Phil Edwards era considerado o melhor surfista (ao menos tecnicamente). Seu estilo era imitado por grande parte dos garotos californianos. Logo, era natural que fosse o escolhido de Hobie para assinar algumas de suas pranchas. Hobie pagava 23 dólares por assinatura. Nada mau para um garoto que iniciava uma nova profissão. "Ei, cara... em que atividade você trabalha?" "Bem... assino meu nome umas duas ou três vezes, pela manhã, e depois passo o dia surfando." Edwards foi e ainda é considerado, por muitos dos que o viram surfar, como o supremo estilista. Surfing Hollow Days, mais um belo filme de Bruce Brown, retrata

North Shore - Oahu



momentos mágicos de Phil Edwards realizando lindos drops de backside, no estilo drop-knee. Outro feito creditado a Phil Edwards diz respeito à poderosa onda de Pipeline no Havaí. Phil foi nada mais nada menos do que o primeiro surfista a se aventurar nas potentes esquerdas do North Shore havaiano. Logo em seguida, algumas fotografias memoráveis foram publicadas na recém-lançada revista Surfer, alardeando ao

mundo que Pipeline tinha enfim sido "conquistada". Outro surfista que teve sua própria linha de pranchas de surf foi o irreverente e controvertido, recém-falecido, Mickey Chapin Dora (também conhecido como Miki Dora, Miklos S. Dora, MSD III). Dora é um dos personagens mais enigmáticos da novela surfística mundial. Originário da praia de Malibu, na Califórnia, lutou toda a sua vida contra o desenvolvimento da indústria do

licença 30.000 exemplares.
asurf.com.br

68
f.com.br
almasurf.com.br
744 3711
0
Paulo - SP
Brasil, 295

autores.
a opinião da revista
licadas não refletem
al Ltda.
smos do Brasil
surf é uma publicação
odward

ntidura Nacional de

com.br
filho
tancelro
om.br
llo Silva

Brasil.
t Davy, Sylvania
Fealey, Pierre Tosse,
orto, Ocean Pacific,
, Getty Images, Levy
ente Coelho Jr.,
uno Lemos, Claudio

Bueno
r, Marcelo Arias,
r, Jean Lasmari, José

ta, André Cortim,
ta edição:
l. Couto

nte
ta
dward
f.com.br

lho
Filho

lho
JUCAO EDITORIAL

Profissionalismo

Capítulo IV

(11) 3826.4288



Como pudemos observar no capítulo anterior, alguns rapazes totalmente apaixonados pelo surf iniciaram um movimento natural, e não planejado, que culminou com o nascimento da indústria do surf. O advento da indústria possibilitou a alguns privilegiados visionários a possibilidade de desfrutar do surf por praticamente toda a vida. A diversão estava garantida! É claro, à custa de muito trabalho, mas, na maioria das vezes, flexibilizado ao máximo. Gerry Lopez é um exemplo vivo. No

maravilhoso documentário produzido pela Cosmmos, Gerry Lopez – 50 anos do rei de Pipeline, Gerry nos relata sua epopéia através da indústria do surf, assim como as razões que o levaram a optar pelo trabalho com as pranchas de

surf. Segundo Gerry, em sua fábrica não existe trabalho quando o swell se apresenta. Com um sorriso maroto no rosto, Lopez finaliza: "Não tem jeito, cara... quando tem onda, eu não trabalho..."



Gerry Lopez

Nem eu e nem meus funcionários! Isso significa que alguém vai ter que esperar por sua prancha alguns dias a mais... Mas, não tem jeito... tem que ser assim..." É necessário fazer parte de nossa tribo, para compreender o supremo sofrimento e a tortura dilacerante que se apossa de um surfista ao se

deparar com um mar maravilhoso na hora em que está indo para o trabalho. Frustração e angústia garantidas até o final do dia. É também necessário ser surfista para compreender nossa íntima ligação com as forças da natureza e nossa

edição 30.000 exemplares.
na surf.com.br
668
:rf.com.br
@almasurf.com.br
3744 3711
30
Paulo - SP
a Brasil, 295
:a:
e a opinião da revista
blicas não refletem
rial Ltda.
ismos do Brasil
Surf é uma publicação
forward
onsável
tribuidora Nacional de
:om.br
:nancieiro
om.br
ello Silva
al Brasil.
1 Davy, Sylvain
rkeley, Pierre Toste,
rto, Ocean Pacific,
l, Getty Images, Levy
ente Coelho Jr.,
uno Lemos, Claudio
Eueno
r, Jean Leman, Jose
ta, André Cotrim,
ica edição:
l. Couto
ite
a:
f.com.br
rdward
:br
Filho
br
to
UÇÃO EDITORIAL

(11) 3826.4288



ALMA SURF

ALMA SURF

02-5087-8851 001-7758851 001-7758851



Para assinar:
(11) 3744 1668
assnatu@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br



Capa: Marco Polo foto: Sean Davey

de um relacionamento padrão no nosso segmento. Perdoar, sim; esquecer, jamais, para não misturar o sacro com o profano. E não se esqueçam: sempre, sempre, inevitavelmente, colhemos o que plantamos... Medite, surfe e ame.

Aloha
Romeu

Referências bibliográficas

- 1- Hemmings, Fred. *The Soul of Surfing is Hawaiian*. By Fred Hemmings. Printed in Hong Kong, 1997.
- 2- Kampion, Drew & Brown, Bruce. *Stoked – uma história da cultura do surfe*. Benedikt Taschen Verlag Gmbh. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.
- 3- Noll, Greg & Gabbard, Andrea. *Da Bull – Live Over The Edge*. North Atlantic Books. Bekerley, California, 1989.
- 4- *The 25 Most Influential Surfers of All Time – Surfer Magazine 40th anniversary*, 40:10. October, 1999.
- 5- Warsaw, Matt. *Surfriders - In Search of The Perfect Wave*. Surfer Magazine. Collins Publishers, 1997.

Filmes disponíveis em vídeo

- *Gerry Lopez – 50 anos do rei de Pipeline* (documentário)
Cosmmos produção editorial. Direção geral: Romeu Andreatta Filbo.
- *Surfing Hollow Days*
Bruce Brown production
- *The Golden Breed*
Dale Davis production.
- *The Fantastic Plastic Machine*
Eric Blum production.

Por Marcello Árias



Alma Surf

Encarte integrante da edição #11 da revista ALMA SURF. Não pode ser vendido separadamente.

